

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES COMO MEDIADORES DE LEITURA: A PERSPECTIVA DE ACADÊMICAS NO PROJETO BIBLIOTECA VIVA

Juliana Andrekowisk Couto Mazini<sup>1</sup>

Mírian Xavier\*\*

## Resumo

A pesquisa teve por objetivo conhecer como acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), percebem o seu desenvolvimento como professoras mediadoras de leitura e quais concepções têm a respeito desse tema. O referencial teórico evidencia a importância da inserção de acadêmicos de licenciatura na prática da sala de aula para a formação do mediador de leitura. Foi feito um estudo de caso sobre o Projeto Biblioteca Viva, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), do qual as estudantes participaram durante o ano de 2015. A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante, de questionário e de relatos produzidos pelas acadêmicas sobre suas reflexões. Os resultados revelaram que a prática proporcionada pelo Pibid foi capaz de alterar concepções que as estudantes tinham a respeito da docência e da importância da mediação de leitura.

**Palavras-Chave:** Formação de professores. Pibid. Mediação de leitura.

## Introdução

O processo de formação de professores capazes de refletir sobre suas práticas exige a implementação efetiva de medidas de inserção do estudante de licenciatura na realidade escolar. Isso se deve, especialmente, à intrínseca necessidade de articulação do conhecimento teórico, advindo da formação universitária, e da realidade profissional (LIBÂNEO, 2011).

Tornar-se professor é mais do que "[...] adquirir conhecimentos profissionais relacionados ao nível de ensino e às disciplinas/componentes curriculares pelos quais um professor se responsabiliza" (TANCREDI, 2009, p.15). A autora argumenta que desde os primeiros anos de formação inicial os futuros professores, inseridos na prática da sala de aula, devem refletir sobre as características da docência, visto que é nesse período que eles estão sob

<sup>1</sup> Discente do curso de Pedagogia da UEMS – Unidade Universitária de Dourados. E-mail: julianaandrekowisk@hotmail.com

\*\* Professora do Curso de Pedagogia da UEMS - Unidade Universitária de Dourados. E-mail: mirian.x@terra.com.br

supervisão de profissionais mais experientes.

Esta pesquisa é construída a partir desse referencial teórico que acredita na relevância do exercício da prática orientada durante a formação inicial de professores na graduação, uma vez que esta favorece os processos de desconstrução e reconstrução de concepções e de práticas de ensino, com vistas a formação de professores reflexivos.

Nesse sentido, visto que na educação básica o professor é um formador de leitores, a literatura infantil merece destaque. Coelho (2000) descreve a literatura infantil como elemento fundamental na emancipação de sujeitos, como forma de ampliar o repertório cultural das crianças e oferecer a elas melhores possibilidades de escolha. Entretanto, essa função da literatura fica limitada quando há falhas no processo de formação de professores em relação ao uso da literatura, segundo Souza (2010).

A vivência da prática de mediação de leitura orientada pelo espaço universitário possibilita a construção de práticas pedagógicas capazes de tornar a literatura uma ferramenta para a constituição de sujeitos que ajam sobre o mundo que os cerca. Por essa razão, a formação de professores direcionada para a mediação de leitura assume caráter essencial na análise aqui proposta.

Este trabalho foi delineado como um estudo de caso acerca das ações do Projeto Biblioteca Viva, vinculado ao Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid) da Escola Municipal Avani Cargnelutti Fehlauer, em Dourados - MS, desenvolvido por duas estudantes de Pedagogia. O projeto, que atendeu crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, teve como foco ações de mediação de leitura com o objetivo de aproximar as crianças do universo literário, no ano de 2015.

Para o desenvolvimento deste trabalho houve observação participante da pesquisadora ao longo do intervalo em que o grupo Pibid realizou o projeto, de março a dezembro de 2015. Ao final desse período, as colaboradoras da pesquisa responderam a um questionário com questões abertas a respeito das suas concepções em relação à literatura infantil e do papel do professor, proporcionadas pelo Pibid. Relatos produzidos pelas acadêmicas e publicados em espaços midiáticos também foram adotados como instrumento para melhor compreender como as acadêmicas refletiam a sua formação.

## **Considerações sobre formação de professores**

A formação do professor tem início desde o momento em que ele vivencia a escola na perspectiva de estudante e, enquanto tal, adota concepções de ensino através dos modelos de professores com os quais ele se deparou, afirma Tancredi (2009). A universidade, então, conforme defende Mizukami (2013), como espaço formal de formação inicial, deve assumir a tarefa de conduzir o futuro professor à desconstrução e à reconstrução de tais concepções pedagógicas.

Para Gatti (2013), a formação de professores para a educação básica deve ser fundamentada necessariamente na relação entre teoria e prática. Contudo, a autora pondera que, apesar dessa necessidade, o que existe hoje é o predomínio de formação teórico-acadêmica como se, a partir de teorias psicológicas, sociológicas, ou outras, decorressem naturalmente as práticas de ensino para o exercício da docência na sala de aula.

Diante disso, torna-se um desafio para os cursos de formação promover uma aprendizagem que, de fato, ajude o professor a aprender a pensar de forma crítica, a posicionar-se diante de uma situação e reagir a ela. (LIBÂNEO, 2011). Isso implica na postura que os cursos adotam em seu processo de formação. Assim,

Se quisermos, pois, que o professor trabalhe numa abordagem socioconstrutivista, e que planeje e promova na sala de aula situações em que o aluno estruture suas ideias, analise seus próprios processos de pensamentos, resolva problemas, numa palavra, faça pensar, é necessário que seu processo de formação tenha essas características (LIBÂNEO, 2011, p. 87).

É nesse contexto de percepção da necessidade da formação docente dentro de uma vivência da prática escolar alicerçada pela teoria, que esta pesquisa se desenvolve. Conjetura em que o futuro professor se vê diante do conflito do real com o ideal enquanto orientado por um professor formador, em situações que possibilitem que ele reflita sobre suas ações (sobre "como fazer" e "por que fazer assim e não de outro jeito") e não apenas se empenhe em reproduzir teorias que lhe foram ensinadas.

### **Sobre leitura, leitor e formação de mediadores de leitura**

De acordo com Souza (2010), falhas no processo de formação de professores em relação ao uso da literatura resultam na limitação de uma prática docente que ofereça ao aluno ferramentas para que ele seja capaz de agir sobre o mundo que o cerca.

Na universidade, conforme aponta Barbosa (2013), o estudo teórico sobre a literatura gera a expectativa de um aluno idealizado, mas quando o professor vai para a escola, se depara com o imprevisível na sala de aula, que não pode ser compreendido somente com conhecimento teórico. De acordo com a autora, acontece um “nó” no momento de fazer a passagem, de construir a ligação entre as teorias estudadas na universidade e suas aplicações práticas na escola, diz Barbosa (2013). Segundo a autora, o professor não consegue usar a teoria como uma aliada para construir meios eficazes para o trabalho com a linguagem por causa de seu conhecimento fragilizado a respeito de seu objeto de ensino. Ela sugere que a formação do mediador de leitura depende precisamente da relação e da reflexão entre teoria e prática.

A literatura, para Coelho (2000), é agente de formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens e extrapola o papel de servir para ensinar a decodificar um código linguístico. Nessa perspectiva, “[...] a leitura de um texto não é mero reconhecimento das estruturas, mas uma atividade interacional de construção de sentidos” (BARBOSA, 2013, p.234) um ato que se constrói na interação entre sujeitos e destes com o texto, com a linguagem. Entretanto, prevalece ainda a ideia de ensinar a leitura por meio de atividades que focalizam as estruturas gramaticais e os elementos de superfície do texto.

Geraldi (2013) explica que a leitura é uma atividade que não se reduz a um produto final, assim como o texto não se resume a uma mensagem que precisa ser decifrada e compreendida exatamente do jeito que o autor quis dizer. A leitura precisa da interação do leitor para dar ao texto um novo significado, uma interação que depende de vivências, do contexto e da cultura de cada leitor. A escola, então, como um espaço em que os textos podem ter um sentido livre, diferente do que acontece, por exemplo, nos meios de comunicação, deve tratar o texto literário como obra de arte que é, permitindo ao leitor criar caminhos de construção de

compreensões e estabelecer diálogos entre textos. Segundo o autor, para que o leitor/aluno crie esses caminhos ele pode ser conduzido por um leitor mais experiente que, na escola, é o professor.

Esse leitor experiente/professor é quem estabelece um diálogo com o texto antes de ele chegar ao aluno para depois oferecer condições para que o próprio aluno estabeleça o seu próprio diálogo com os textos. Nas práticas escolares de leitura, de acordo com Geraldi (2013), não é o professor que ensina, mas o aluno que aprende ao descobrir o encanto da literatura. Todavia, o professor é quem medeia esse processo de descoberta e ele só pode fazê-lo sendo ele mesmo leitor.

Sendo assim, trabalhar a mediação de leitura nas escolas é imprescindível para o despertar do interesse pela literatura (BARBOSA; MARINE, 2013). No momento de leitura, a interação entre professor e aluno é altamente relevante, portanto a atividade de leitura, considerando a ação mediadora do professor, está baseada na relação autor-texto-mediador-leitor, porque tem a interferência do significado produzido pelo mediador (BARBOSA; MARINE, 2013).

Para Magalhães (2013, p.54), a forma como a mediação acontece depende da concepção que o mediador sustenta a respeito da literatura. Assim, para a formação de leitores de textos literários, “[...] importa, e muito, como são apresentados esses textos”, o que implica reconhecê-los como objetos literários, ou seja, em sua incompletude.

Nesse sentido, “[...] o ensino da leitura precisa estar vinculado a uma concepção teórica clara porque isso implica também numa concepção de aluno como sujeito que aprende” (BARBOSA, 2013, p.241). A autora aponta que a concepção que se tem a respeito do leitor pode levar o professor a propor: uma atividade de leitura em que as experiências do aluno não são relevantes (quando se deseja saber, por exemplo, o que o autor quis dizer); uma atividade em que o aluno apenas reconhece sentidos preexistentes que não dependem das ações dos sujeitos; ou uma atividade em que o aluno compreende que os sentidos são construídos na relação entre leitor-texto-autor e “[...] assume a condição de construtor de sentido a partir dos saberes e experiências que mobiliza no momento da leitura” (BARBOSA, 2013, p.242).

Essa teoria, entretanto, precisa ser transformada em recurso que possibilite a construção de práticas de ensino e, para isso, os professores precisam “[...] enfrentar o seu próprio discurso para perceber o que nele persiste como

consequência histórica da posição professor e não como exigências das práticas efetivas do ensino” (BARBOSA, 2013, p. 259) para que, assim, ele se abra para a construção de um novo caminho na relação entre os saberes teóricos e o ato de ensinar.

Dessa forma, considerando também as orientações de Mizukami (2013), sobre a necessidade de desconstrução e reconstrução de práticas pedagógicas, a vivência da prática orientada pelo espaço universitário faz-se substancial, visto que é diante do confronto, que o professor enfrenta o seu próprio discurso e percebe o que ainda permanece do que foi enraizado durante a sua trajetória como aluno. Nesse enfrentamento, a teoria embasa o processo de reconstrução.

Sendo assim, é possível dizer que, para a formação de mediadores de leitura, são necessários, além do conhecimento teórico a respeito da língua, os seguintes elementos: conhecimento teórico sobre a literatura; conhecimento teórico sobre a aprendizagem das crianças; e vivência prática da docência para que toda a teoria possa ser confrontada e reorganizada.

### **Procedimentos metodológicos**

Considerando a formação docente um processo complexo e permeado de subjetividade, optamos por utilizar a pesquisa de caráter qualitativo como orientação metodológica, que se preocupa com seus indivíduos e seus ambientes em suas complexidades (SPINDOLA; SANTOS, 2003). A pesquisa qualitativa permite flexibilidade ao pesquisador, uma vez que “[...] a coleta e a análise de dados não são divisões estanques” (TRIVIÑOS, 1987, p.131), de modo que a interpretação das informações recolhidas pode gerar novas buscas de dados.

Os sujeitos dessa pesquisa são duas acadêmicas que participaram de uma proposta de formação inicial de professores que pretende exercitar o diálogo entre teoria e prática na tentativa de formar professores reflexivos, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e que, além disso, tiveram a sua atividade focada na formação de professores como mediadores de leitura por meio do Projeto Biblioteca Viva.

À época da investigação ambas cursavam o primeiro ano do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), quando participaram das atividades do Projeto Biblioteca Viva, desenvolvido pelo Pibid

Pedagogia/UEMS, na Escola Municipal Avani Cargnelutti Fehlauer, em Dourados – MS, durante os meses de março a dezembro de 2015.

Por se tratar do estudo de uma situação isolada, o tipo de pesquisa adotado foi o estudo de caso, que "[...] é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente" (TRIVIÑOS, 1987). O estudo de caso considera o assunto investigado como um todo, em que todos os seus aspectos são investigados, conforme afirma Fachin (2001).

Os instrumentos de pesquisa utilizados para coleta dos dados foram: observação participante; questionário com questões discursivas e relatos de experiência publicados em espaços midiáticos.

A observação participante aconteceu durante todo o desenvolvimento das atividades do grupo pesquisado, com a devida anuência das estudantes e constantemente assistida pela coordenadora do Projeto. Nesta prática, procurei atender às orientações de Ghedin e Franco (2008), de que o pesquisador integre-se no contexto de pesquisa, construindo uma identidade comum com o grupo e modificando e sendo modificado pelo contexto. Dessa forma, foi possível "[...] captar com precisão os aspectos essenciais e acidentais de um fenômeno do contexto empírico" (FACHIN, 2001, p.38).

Além disso, foi aplicado um questionário com objetivo de conhecer como as acadêmicas percebiam a sua formação inicial no contexto do Pibid na condição de mediadoras de leitura. O instrumento foi composto por questões dissertativas sobre a literatura infantil, formação de professor leitor e mediador de leitura. O mesmo foi enviado às acadêmicas em janeiro de 2016, via e-mail, e devolvidos respondidos alguns dias depois.

O questionário foi escolhido como procedimento de coleta de dados por dar ao pesquisado tempo e flexibilidade para responder as perguntas, como indica Fachin (2001). As questões abertas, de acordo com a pesquisadora, "[...] dão condição ao pesquisado de discorrer espontaneamente sobre o que se está questionando" (FACHIN, 2001, p.103).

**Após o recebimento e análise do questionário foi percebida a necessidade de aprofundar e coletar novos dados. Assim sendo, foi solicitado a uma das acadêmicas um depoimento escrito.**

Além disso, com o intuito de conhecer melhor as reflexões feitas pelas acadêmicas participantes desta pesquisa, foram acompanhados os relatos de

experiência escritos a partir de seus diários de bordo e publicados no blog do Pibid Avani Cargnelutti Fehlauer, utilizado para a divulgação dos trabalhos desenvolvidos por todo o grupo de Pibid que atua na mesma escola. Também foram utilizados os depoimentos da professora coordenadora de área do grupo, registrados no blog do Pibid Avani Cargnelutti Fehlauer.

Os dados foram analisados a partir do referencial teórico sobre formação de professores e mediadores de leitura.

### **O Projeto Biblioteca Viva**

O subprojeto Pibid do curso de Pedagogia da UEMS de Dourados, que atua na Escola Municipal Avani Cargnelutti Fehlauer, desenvolve, entre outros projetos, o Projeto Biblioteca Viva, em que professores são formados mediadores de leitura. As atividades no projeto, calcadas em múltiplas linguagens, buscam extrapolar o uso instrumental da leitura.

No ano de 2015, o grupo que atuou no Projeto Biblioteca Viva foi composto por duas acadêmicas colaboradoras e bolsistas, uma professora supervisora do Pibid (integrante do quadro de docentes da escola que abriga o projeto) e a pesquisadora que atuou como voluntária no grupo.

No período, as ações do Projeto envolveram estudos teóricos acerca do funcionamento da biblioteca escolar e do trabalho com mediação de leitura, reorganização do espaço e agenda de horários da biblioteca escolar, definição de estratégias pedagógicas e atividades permanentes de leitura e de exploração dos textos através de brincadeiras, artes visuais, música e teatro. Participaram das atividades as crianças de segundo ao quinto ano do Ensino Fundamental. A equipe do Projeto trabalhou com cada turma durante uma hora aula por semana a partir da organização de um cronograma definido com as professoras responsáveis.

Orientadas pelas professoras supervisora e coordenadora de área do Pibid, as acadêmicas planejaram experiências de leitura com as crianças realizadas pelas professoras em formação, ora foram individuais e silenciosas, ora em grupo e ora dramatizadas pelas crianças.

As reflexões desencadeadas no processo foram sistematizadas pelas bolsistas por meio de diários de bordo e de relatos, acompanhados pela coordenadora de área do Pibid, alguns deles, publicados em espaços midiáticos.

### **Como as futuras professoras percebem a sua própria formação**

Adrielle e Eliane, as duas colaboradoras da pesquisa, bolsistas do Pibid/Pedagogia, que atuaram como mediadoras de leitura através do Projeto Biblioteca Viva. À época elas cursavam o primeiro ano do Curso de Pedagogia e tinham entre 18 e 24 anos de idade.

Os depoimentos das acadêmicas apontaram suas concepções sobre o que é ser professor e sobre literatura infantil e indicaram suas aprendizagens no contexto do Pibid e em relação a serem mediadoras de leitura. Nos relatos está explícita também como se desenvolveu a relação das estudantes com os profissionais da escola.

### **Concepção sobre ser professor e sobre literatura infantil**

Adrielle relata que quando ingressou na graduação, a sua concepção de professor era diferente da atual, construída no decorrer do primeiro ano do Curso de Pedagogia.

Antes de entrar no curso, achava que professora era a pessoa que colocava os alunos sentados em silêncio copiando todos os conteúdos (Adrielle).

[...] Eu acreditava que as crianças precisavam ser ensinadas por alguém que sabe mais que elas. [...] Hoje penso que as crianças são portadoras de conhecimentos sim e têm a capacidade de se desenvolver através das suas experiências e cada uma em seu tempo. [...] a escola tem um papel fundamental na formação social das crianças (Adrielle).

Conforme relata, Adrielle acreditava que o professor assumia o protagonismo num processo de ensino, contudo, essa concepção foi modificada de modo que ela percebe que o conhecimento prévio e a ação das crianças têm importância. Considerando a relevância do conhecimento que elas carregam consigo, somado à intervenção do professor, esse processo passa a ser nomeado ensino-aprendizagem, conforme discute Klein (2010).

Klein (2010) afirma que o professor é o responsável por oferecer ao aprendiz as condições de refletir sobre um dado objeto de conhecimento, num

processo de ensino-aprendizagem em que é privilegiada a interação entre os sujeitos e o domínio prévio de uma significativa bagagem de conhecimentos disponíveis na sociedade. A autora explica que o aluno produz o seu próprio conhecimento e que isso significa que ele produz a sua elaboração subjetiva acerca do real a partir de elementos que o professor, como mediador, disponibiliza para ele.

Tanto aluno quanto professor são sujeitos do mesmo processo, entretanto, com participações diferenciadas. Ao professor, cabe o papel de mediador, ou seja, de desenvolver procedimentos adequados para viabilizar a apropriação de um conhecimento pelos alunos enquanto aos alunos, cabe o esforço teórico-prático dessa apropriação.

Nesse sentido, percebe-se que a mudança de concepção relatada por Adriele é decorrente de seu processo de formação inicial que, segundo Santos *et al* (2006), assume relevante papel na (re)significação de contextos e práticas culturalmente definidas e defendidas, por meio das interações.

Além disso, foi possível observar que as aprendizagens que influenciaram a mudança de concepções das acadêmicas, seja sobre a profissão docente ou sobre a mediação de leitura, também foram atribuídas ao Pibid:

O Pibid me proporcionou muitos conhecimentos. Consegui fazer ligações entre teoria e prática, isso contribuiu para minhas atividades na faculdade também. Trouxe-me um novo olhar sobre os professores e principalmente sobre as crianças (Adriele).

Vejo que minha percepção acerca da literatura infantil mudou completamente depois de ter tido essa experiência no Pibid. Acredito que foi importante, pois serei uma mediadora de leitura (Eliane).

Eliane admite que conhecia pouco acerca da literatura infantil e não sabia por que ela era importante, mas afirma que, através do Projeto, passou a compreender a sua importância e a relevância de esta ser ensinada por meio da mediação feita pelo professor. Assim como Eliane, Adriele reconhece nunca ter pensado a respeito de literatura antes de entrar na faculdade e diz:

Hoje penso que a literatura é muito importante, pois através dela as crianças poderão desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Além de despertar nas crianças o prazer pela leitura com a mediação (Adriele).

Quando Adriele fala sobre “despertar nas crianças o prazer pela leitura com a mediação”, indica que a leitura está relacionada a uma interação em que o mediador assume papel relevante, corroborando a indicação de Barbosa (2013), que afirma ser a leitura de um texto uma atividade interacional de construção de sentidos e um ato que se constrói na interação entre sujeitos e destes com o texto.

### **Aprendizagens das bolsistas no contexto do Pibid**

Após as atividades do Projeto Biblioteca Viva, as integrantes se reuniam para refletirem sobre o que foi feito, sobre como as crianças reagiram e sobre o que deveria ser alterado. Em vários momentos de reflexão a prática das acadêmicas foi questionada a partir de conhecimentos advindos da universidade, num entrelaçamento de conhecimentos entre universidade e escola. Nos depoimentos verificamos esse entrelaçamento, percebendo que houve participação da professora supervisora nas aprendizagens:

[...] ela fazia observações que às vezes passavam despercebidas, fazia correções e sempre usava suas experiências como exemplo (Adriele).

Além da professora supervisora, a professora coordenadora de área do Pibid fez intervenções mais fundamentadas em teorias, proporcionando momentos de reflexões sobre as situações vivenciadas. Assim, auxiliadas por outros profissionais, as acadêmicas foram estimuladas a pensar de forma crítica, a se posicionarem diante de uma situação e reagir a ela, o que Libâneo (2011) indica como ideal para a formação de professores. Ele aponta essa atividade como formadora de professores que concebem o ensino como prática reflexiva, condizente com o profissional que a contemporaneidade exige.

Esses professores que atuam acompanhando e apoiando os professores iniciantes na adaptação à cultura e à comunidade escolar, são considerados mentores (XAVIER, 2014). Além disso, o processo de assistência ao professor novato pode ser “[...] uma ocasião para que os mentores continuem aprendendo e ampliem os seus processos de desenvolvimento profissional” (XAVIER, 2014, p. 139), o que foi observado durante as atividades. No caso do grupo pesquisado, a professora supervisora do Pibid atuou como mentora das acadêmicas. Contudo, nos relatos de Adriele foi possível perceber que, além das professoras, as outras

bolsistas, seus pares, foram fundamentais nas aprendizagens e em aspectos relacionados à adaptação ao papel de professor:

Minhas colegas foram incríveis, aprendi muito com elas. No início eu tinha muito medo de tudo, mas através das experiências que vivenciei com elas fui me soltando. Como éramos em três, cada uma trazia um pouco de seu conhecimento para compartilhar em grupo, assim as nossas atividades sempre foram muito significativas (Adrielle).

Conforme observações realizadas, a troca de conhecimentos indicada por Adrielle muitas vezes esteve relacionada com a literatura. As percepções a respeito dos textos, ao serem compartilhadas, acarretavam em novas produções de sentidos, de forma que o processo de mediação de leitura, assim como explicitado por Geraldini (2013), ocorreu também entre as próprias acadêmicas e não apenas com os alunos. Durante todo o ano, as futuras professoras compartilharam bibliografias e sugestões para o seu próprio desenvolvimento como leitoras.

Eliane aponta que a sua participação no Projeto Biblioteca Viva foi transformadora porque antes não lia muito e pensava que a literatura não poderia ser divertida. Hoje, porém, se considera leitora. Adrielle também afirma que nunca havia tido a leitura como hábito, mas que agora percebe a importância da leitura e sente prazer nela.

Adrielle revela que a importância da literatura infantil está nos conhecimentos que ela acarreta pelo “viajar no mundo da imaginação” e que a literatura não deve ser trabalhada como obrigação, mas deve ser algo livre e prazeroso. Eliane, por sua vez, atribui à literatura infantil o desenvolvimento de diversos fatores, como é possível perceber no relato a seguir:

A literatura infantil é de extrema importância, pois com ela a criança tem a oportunidade de resolver seus conflitos a partir da leitura, conhecer outras culturas, desenvolver a criticidade, ampliar seu vocabulário e é também uma forma de brincar e se divertir (Eliane).

As aprendizagens foram complementadas por atividades de formação foram promovidas pela professora coordenadora do Pibid para todo o grupo que atua na mesma escola que o grupo pesquisado e, através dessas, as futuras professoras puderam ampliar os seus conhecimentos sobre a Língua Portuguesa.

Estudos a respeito do gênero conto, mediados pela professora Juliane Ferreira Viera, com formação em Letras, aconteceram em alguns encontros e, de acordo com Yamin (2015), levaram o grupo a perceber que é fundamental unir os conhecimentos da Pedagogia com aqueles oriundos das especificidades da língua.

Eliane afirmou que, através do curso sobre contos, pôde conhecer melhor este gênero e identificar as partes que compõem e que caracterizam a estrutura do gênero e que compreendeu que o professor deve sempre buscar o conhecimento, através de estudos e pesquisas sobre as regras gramaticais, pois precisará disso para corrigir os textos de seus alunos. Segundo a estudante, o professor deve oferecer um repertório às crianças antes de lhes fazer alguma proposta de criação, e que ele mesmo deve ampliar o seu próprio repertório. Ela também apontou outras aprendizagens decorrentes desses estudos.

Algo que marcou bastante foi sobre a correção dos contos e demais gêneros escritos pelas crianças. Aprendi que o professor não deve apenas olhar para os erros de seus alunos, mas sim voltar a sua atenção para os acertos e os pontos positivos também. Incentivar e ajudá-los a melhorar com a reescrita (Eliane).

Esse diálogo entre as áreas da Pedagogia e Letras é sugerido por Barbosa e Marine (2013), que afirmam ser papel do mediador desenvolver habilidades que auxiliem os alunos no processo de leitura reflexiva, como o reconhecimento de mecanismos de coesão e coerência textuais entendidos como meios facilitadores da leitura e para cumprir esse papel é necessário que o próprio mediador tenha esses conhecimentos.

### **O que as bolsistas pensam sobre mediação de leitura**

Para Eliane, ser mediador de leitura é criar uma ponte entre o texto e o aluno e criar possibilidades para despertar na criança o interesse em ler. Assim como Eliane, Adriele argumenta que o mediador

[...] é quem aproxima e facilita o encontro do leitor com o texto, e tem a possibilidade de levar o leitor à infinitas descobertas (Adriele).

Para ela, ser mediador é ampliar o repertório das crianças e tornar a leitura prazerosa e que isso deve ser feito compartilhando os seus conhecimentos

com elas e demonstrando interesse pela leitura. Tanto Eliane quanto Adriele acham que o professor deve promover a literatura de modo que a leitura seja um momento prazeroso e para isso múltiplas linguagens devem ser exploradas, com dinâmicas, músicas, brincadeiras, etc.

De acordo com Magalhães (2013), a concepção que o mediador tem sobre a literatura determina a forma como ele apresentará os textos ao leitor, considerando as experiências dos alunos como relevantes ou não. A autora sustenta que os textos literários, em sua incompletude, dependem do leitor para a produção de significados. Nesse sentido é perceptível, através dos depoimentos das acadêmicas, que a concepção de leitura que elas carregam está de acordo com a apresentada pelos autores citados nesse trabalho.

Para que se constitua um mediador, é importante que o professor seja um leitor, que seja um exemplo, acredita Eliane, e ela argumenta que é contraditório quando o professor incentiva os seus alunos, mas ele próprio não lê. Eliane cita uma situação em que percebeu que o professor pode ser visto como um modelo:

No Pibid aconteceu algo que achei muito interessante. Durante a leitura livre, eu e a Adriele pegamos um livro para ler também. Uma aluna do segundo ano do Ensino Fundamental viu e disse surpresa: “Olha a professora também lê”. Por isso, acho que o exemplo faz a diferença (Eliane).

O professor que atua como mediador entre o texto e o leitor precisa, ele mesmo, ter estabelecido uma relação com o texto e com outros textos, aponta Geraldi (2013), de modo que seja capaz de promover inferências e ajudar os seus alunos a se relacionar com o texto.

Além da responsabilidade por essa mediação, o exemplo relatado por Eliane vai ao encontro do que defende Machado (2016), que o que leva uma criança a ler é o exemplo. A autora diz que o ato de ler não é natural, mas cultural e que se nenhum adulto em volta da criança costuma ler, dificilmente essa criança será leitora.

Machado (2001) orienta que os docentes leem muito pouco e que isso é uma situação completamente contraditória. Alega que ninguém contrata um professor de natação que não sabe nadar, mas que as salas de aulas no Brasil têm professores que tentam ensinar literatura mesmo sem ler. O Pibid Pedagogia UEMS procura inverter essa questão.

Eliane também menciona que percebeu a importância de “[...] criar momentos em que o aluno possa compartilhar com os colegas o livro que leu, ou que possa ler para a turma [...]”, demonstrando, uma vez mais, que a prática docente leva à produção de conhecimento e que a sua concepção sobre a literatura conduziu as suas reflexões. As acadêmicas aprenderam também que para despertar o interesse das crianças por alguma obra, antes o mediador precisa achá-la interessante. Para que isso aconteça, a obra deve ser estudada por ele, que a interpretará conforme os seus conhecimentos e assim produzirá um sentido que será explícito aos seus ouvintes na hora da leitura em voz alta, como diz Geraldi (2013).

Os depoimentos das acadêmicas indicam que a concepção de leitura que elas carregam consigo é que o texto depende do leitor para a produção de significados. Adriele afirma que o mediador “[...] é quem aproxima e facilita o encontro do leitor com o texto e tem a possibilidade de levar o leitor à infinitas descobertas”, apontando que não acredita numa leitura estanque em que o mediador é quem determina o sentido do texto.

Tanto Adriele, quanto Eliane sustentam que a leitura deve ser prazerosa e não uma obrigação e que as crianças devem ter liberdade na escolha das obras e na produção de sentidos. Ambas veem as crianças como sujeitos ativos na produção de conhecimento, o que direciona a mediação de leitura como uma prática em que o professor assume o papel de facilitador entre o diálogo do texto com o leitor. Para isso, importa a concepção a respeito do que é ser professor.

### **Relação entre as bolsistas e as profissionais da Escola Municipal Avani Cargnelutti Fehlauer**

Adriele conta que houve integração também entre as professoras da Escola Avani Cargnelutti Fehlauer, responsáveis pelas turmas participantes do Projeto, atendendo à proposta do Pibid, no sentido de mobilizar os professores das escolas públicas de educação básica como coformadores dos futuros docentes. Adriele afirma que “[...] algumas professoras aceitaram e contribuíram muito com o projeto”. Além disso, a estudante ressalta que elas continuaram trabalhando as atividades desenvolvidas pelo Projeto em suas aulas e também sempre incentivaram o grupo e sugeriram atividades.

Foi observado que, ao final das atividades, essas professoras compartilharam com o grupo os resultados alcançados em suas aulas. Ademais, houve sugestões de temas por uma professora da disciplina de Leitura, Literatura e Produção Textual (LLPT), como as sequências didáticas de poesia e contos.

### **Considerações finais**

Diante dos resultados é possível afirmar que a inserção das acadêmicas do Pibid na escola Avani Cargnelutti Fehlauer as levou a construir uma nova concepção a respeito da literatura e da mediação de leitura. Embora ainda cursassem o primeiro ano do curso de Pedagogia, elas perceberam mudanças significativas em relação às suas concepções sobre o que é ser professor, sobre quem é o aluno e sobre como deve ser o trabalho com literatura infantil. Através da vivência da prática, elas desconstruíram e reconstruíram essas concepções. A experiência na prática docente através do Pibid, especificamente no projeto “Biblioteca viva”, foi relevante e interferiu, inclusive, em seu desempenho dentro da universidade.

Estas futuras professoras, descobriram e se aprofundaram em conhecer diferentes textos e a pensar sobre a literatura, formando-se, elas mesmas, leitoras que se posicionam como modelos para seus alunos. Além disso, o grupo vivenciou a mediação de leitura sustentada por discussões teóricas que direcionam a organização do trabalho educativo.

Nesse contexto, o trabalho em equipe foi relevante na formação das integrantes do grupo e seu resultou em significativas reflexões sobre a docência e trocas de experiências sobre literatura e mediação de leitura e também foi importante na adaptação à realidade escolar enquanto assumiram o papel de professor nessa experiência.

Os relatos e as observações revelam que neste grupo de Pibid houve formação de mediadores de leitura que pensam a literatura como essencial para a formação humana e assim a exploram. Embora os autores que fundamentam esta pesquisa apontem a carência dessa formação, o Projeto Biblioteca Viva mostra a materialização dessa possibilidade. Percebemos que a inserção de estudantes de Pedagogia na realidade da prática docente com foco na formação de mediadores de

leitura alcançou os objetivos esperados pelo subprojeto Pibid Pedagogia UEMS da Escola Municipal Avani Cargnelutti Fehlauer.

Concluimos portanto que, conforme as perspectivas das acadêmicas participantes, nesse período, elas foram formadas professoras reflexivas e tiveram suas concepções modificadas. A prática orientada por professores experientes e o apoio dos pares foram substanciais para a formação docente das futuras professoras e as acadêmicas alteraram a sua própria relação com a literatura, formando-se leitoras.

## **TEACHER FORMATION AS READING MEDIATORS: THE PERSPECTIVE OF THE ACADEMICS IN LIVING LIBRARY PROJECT (PIBID)**

### **Abstract**

**This research aims to know how Pedagogy students from State University of Mato Grosso do Sul (UEMS) perceive their development as reading mediators and what conceptions they have about this theme. The chosen theoretical reference highlights the importance of the undergraduate students introduction in the classroom practice for the training of reading mediators. A case study was conducted focused on the Living Library Project, linked to the Institutional Scholarship Program of Initiation to Teaching (Pibid), in which the future teachers participated during the year 2015. Data collection was done through participant observation, questionnaire and reports produced by the graduates about their reflections. The results showed that the practice provided by the Pibid was able to change the students' conceptions about teaching and the importance of reading mediation.**

**Keywords:** Teacher formation. Institutional Scholarship Program of Initiation to Teaching (Pibid). Reading mediation.

### **Referências**

BARBOSA, Marinalva Vieira. O lugar da teoria na prática de ensino de leitura e análise de textos. *in* **Leitura e Mediação: reflexões sobre a formação do professor.** / Juliana Bertucci Barbosa e Marinalva Vieira Barbosa, organizadoras. 1 ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 231 - 262.

BARBOSA, Juliana Bertucci; MARINE, Talita de Cássia. Mediação de leitura, coesão e coerência textual: uma relação possível? *in* **Leitura e Mediação: reflexões sobre a formação do professor.** / Juliana Bertucci Barbosa e Marinalva Vieira Barbosa, organizadoras. 1 ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 263 - 286.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** 1ed. São Paulo: Moderna, 2000.

GATTI, Bernardete A. A prática pedagógica como núcleo do processo de formação de professores. *in* **Por uma política nacional de formação de professores** / GATTI, Bernardete A. *et al.* (Orgs.) 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

GERALDI, João Wanderlei. Leitura e Mediação. *in* **Leitura e Mediação: reflexões sobre a formação do professor.** / Juliana Bertucci Barbosa e Marinalva Vieira Barbosa, organizadoras. 1 ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 25 - 48.

KLEIN, Lígia Regina. **Fundamentos para uma proposta pedagógica.** 2010. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem\\_pedagogica/fev\\_2010/fundamentos\\_proposta\\_pedagogica.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2010/fundamentos_proposta_pedagogica.pdf)> Acesso em: 06 nov 2016.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2011. p.76-102.

MACHADO, Ana Maria. **A literatura deve dar prazer.** Rio de Janeiro, Revista Nova Escola, set. 2001. Entrevista concedida à Priscila Ramalho. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-deve-dar-prazer-423594.shtml>> Acesso em: 07 jun 2016.

\_\_\_\_\_. **O que leva uma criança a ler é o exemplo, diz Ana Maria Machado.** São Paulo, UOL entretenimento, 23 fev. 2016. Matéria produzida por Rodrigo Casarin. Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/23/o-que-leva-uma-crianca-a-ler-e-o-exemplo-diz-ana-maria-machado-em-livro.htm>> Acesso em: 07 jun. 2016.

MAGALHÃES, Milena. Do direito à literatura. *in* **Leitura e Mediação: reflexões sobre a formação do professor.** / Juliana Bertucci Barbosa e Marinalva Vieira Barbosa, organizadoras. 1 ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. p. 49 - 72.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Escola e desenvolvimento profissional da docência. *in* **Por uma política nacional de formação de professores.** / GATTI Bernardete A. *et al.* (Orgs.) - 1. ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.23-54.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos *et al.* Formação de professores: uma proposta de pesquisa a partir da reflexão sobre a prática docente. **Revista Ensaio – Pesq. Educ. Ciênc.**, v.8, n.1, jul, 2006. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/107/157>>.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. **Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula.** Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção formação de professores).

TANCREDI, Regina Maria Simões Puccinelli. **Aprendizagem da docência e profissionalização: elementos para uma reflexão.** São Carlos: Ed. UFSCar, 2009.

XAVIER, Mírian. **A Aprendizagem Profissional da Docência de Professores de Ciências e Biologia: um estudo por meio das histórias de vida.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2014.

YAMIN, Giana Amaral. **Curso: Era uma vez... Um conto na escola. Uma análise do gênero conto de aventura.** Dourados - MS, 07 mai. 2015. Relato publicado no Blog [avanitengatuiplibid.blogspot.com.br](http://avanitengatuiplibid.blogspot.com.br). Disponível em: <http://avanitengatuiplibid.blogspot.com.br/2015/05/curso-era-uma-vezum-conto-na-escolauma.html>> Acesso em: 29. jan. 2016.